

# ÉPICO DE GILGAMEŠ

versão Babilónia Padrão

*tradução, introdução e notas*

Francisco Luís Parreira

ASSÍRIO & ALVIM

## INTRODUÇÃO

É objecto da presente edição a rapsódia dos feitos do muito sábio, advertido e poderoso Gilgameš, rei de Uruk, conhecida entre os letrados babilónios pelo seu verso inicial, «*Šá naqba imuru*» («Aquele que testemunhou o abismo»), e familiarmente acomodada no conhecimento do leitor moderno com a designação de «Épico de Gilgameš». Este poema foi composto algures na Babilónia, por finais do segundo milénio<sup>1</sup>; foi redigido em cuneiforme acádio, a escrita de babilónios e assírios, os quais, à semelhança dos seus predecessores sumérios, se socorriam de placas de barro para fixar a sua literatura. O *Šá naqba imuru* reparte-se por doze dessas placas, cada uma das quais correspondendo a uma unidade rapsódica (ou «tábua») com cerca de trezentas linhas poéticas (distribuídas a seis colunas por ambas as superfícies). Foi nesse formato editorial, em uso nas escolas escribais babilónicas para textos de maior dimensão, que as suas cópias circularam pelas bibliotecas e colecções privadas do primeiro milénio.

O *Šá naqba imuru* não foi a única versão dos feitos de Gilgameš conhecida no mundo antigo; é, porém, a mais tardia e a mais complexa. Abasteceu-a um *corpus* poético e narrativo acumulado ao longo de um milénio de história literária e moldado por um número indeterminado de mãos e de vozes dispersas por diferentes línguas, locais e tradições. Por se encontrar bem representada nas bibliotecas do primeiro milénio, foi a primeira versão a ser recuperada e conhecida nos tempos modernos, e a que menos danificada nos chegou. Essa recuperação não está ainda completa e é de esperar que novos achados arqueológicos venham aprofundar o nosso conhecimento do texto nas suas sucessivas recensões. Os seus temas são a glória terrena, a experiência da perda e a busca malograda da imortalidade.

O uso do termo «épico» para qualificar o *Šá naqba imuru* está singularmente sujeito a caução. Esse termo, com efeito, procede de um universo literário e metodológico em tudo distinto daquele que gerou o poema e — tal como acontece para termos como «mito» ou «lenda» — nenhum equivalente mesopotâmico para a categoria nele designada foi ainda identificado. A única classificação que

as fontes reservam para o todo do poema é *ēšgàr Gīsgīmmaš* («Série de Gilgameš»), que apenas representa a indicação funcional, deixada à atenção de leitores ou bibliotecários zelosos, de que a rapsódia se repartia por várias placas que convinha ordenar na sua sequência irrepreensível. Não é impossível, porém, que o poema recompense o escrutínio de contrapartidas para alguns dos marcadores convencionalmente associados ao mais tardio género «épico»: a extensão, a forma narrativa, o elevado recorte no *pathos* e na dicção, as explorações heróicas de personagens destacadas cujas acções são sub-repticiamente conduzidas pelos deuses. Talvez essa circunstância baste a desagrar o uso do termo «épico» na presente edição, que é apenas deferente com a percepção convencional.

Para identificar o *Šá naqba imuru*, usamos as designações «Babilónia padrão» (BP) ou «versão padrão», mais concordes com a posição do texto na tradição literária a que diz respeito. A primeira designação está generalizada no uso académico e refere o facto de o poema ter sido redigido no idioma poético padrão frequentado pelos escribas babilónios de finais do segundo milénio, compenetrados de que certos temas — que hoje dizemos «literários» — exigiam repertórios lexicais e gramaticais removidos dos usos vernaculares e um estilo que nobilitasse na leitura e na recitação oral a natureza elevada dos assuntos representados. Durante cerca de mil anos, enquanto não se extinguiu o sistema de escrita que o servia (o cuneiforme), o «Babilónio padrão» vigorou como norma da expressão literária na área linguística do acádio e foi, nesse espírito, escrupulosamente reproduzido pelos escribas assírios do primeiro milénio, a cujas cópias se deve o conhecimento moderno do poema.

No qualificativo «padrão» recolhe-se também um sentido subordinado, referido ao estatuto canónico do poema e à estima de que gozou na percepção dos letrados mesopotâmicos. Terá sido em atenção a esta circunstância que os registos babilónicos e assírios — reflexos de uma cultura em que a autoria não desempenhava papel assinalável na recepção textual ou na consciência literária — quiseram exceptuar o *Šá naqba imuru* do anonimato autoral e perpetuaram uma tradição que o associava ao agora apenas conjecturável *Sîn-leqe-unninni*, exorcista ou funcionário templário e, seguramente, personagem prestigiada que ilustres linhagens de escribas babilónios, muito depois da sua morte, reclamariam como antepassado. Nos registos mesopotâmicos, a representação factual do passado (mesmo que recente) sofre invariavelmente a sobreposição da memória lendária, e assim sucede com as fontes que mencionam *Sîn-leqe-unninni*. Não parece haver razões, porém, para contestar a existência histórica do furtivo babilónio (cujo

nome significa «Ó Sîn [deus-lua], acolhe a minha prece!») ou o seu contributo para o épico; e o óbvio anacronismo expendido num testemunho tardobabilónico, que o situa como conselheiro do próprio Gilgameš, parece menos desautorizar aquela autoria do que sufragá-la, pois denuncia o cuidado de a investir com os prestígios da grande antiguidade. É seguro, no entanto, que esse contributo não foi o de uma autoria *strictu sensu*, mas tão-só o de uma compilação e reescrita de materiais pré-existentes. Sob este aspecto, o trabalho de Sîn-leqe-unninni (ou do redactor que identificamos com este pseudónimo conveniente) alinha com os esforços dos intelectuais babilónios de finais do segundo milénio, que procederam a uma revisão profunda da tradição escribal ao seu dispor, compilando e ordenando as peças literárias e científicas de maior interesse e criando séries e versões canónicas que, praticamente de modo inalterado, foram depois copiadas e transmitidas durante todo o primeiro milénio, na Mesopotâmia e fora dela. Nesta forma «padrão» ou «final» sobreviveria o material épico até inícios da era cristã, altura em que o cuneiforme e a literatura mesopotâmica chegaram ao fim da sua vida triplamente milenar. Embora nenhuma descendência linear do poema esteja atestada, ecos da narrativa ressoam em literaturas ulteriores, nomeadamente na bíblica e na helénica, e sugerem a insistência de um legado que, por via oral, e decerto através de intermediários arameus e fenícios, sobreviveu para além da extinção do cuneiforme e das línguas nele fixadas.

Os testemunhos arqueológicos das versões anteriores à BP são menores em número e muito mais fragmentários, mas permitem-nos uma ideia aproximada dos materiais ao dispor de Sîn-leqe-unninni. As primeiras versões foram redigidas em cuneiforme sumério, a escrita dos fundadores da primeira grande civilização da Mesopotâmia. Os manuscritos que nos permitem reconstituir essas narrativas são cópias ou reescritas exaradas nas escolas escribais do período AB, numa época, por conseguinte, em que o sumério estava já extinto como língua vernacular e sobrevivia apenas como língua culta para uso de escribas e sacerdotes babilónios. Possuímos, porém, evidência suficiente para situar a composição dos originais em período mais recuado, na época da Terceira Dinastia suméria de Ur (ou Ur III), que dominou o sul da Mesopotâmia em finais de terceiro milénio. Os testemunhos recuperados permitem-nos reconstituir cinco dessas narrativas, uma das quais nos ficou em duas versões. A todo o parecer, são independentes umas das outras, embora tenha sido argumentada a possibilidade de constituírem um todo maior, de que nos faltariam as articulações.

## T Á B U A I

*šá naqba imuru: aquele que testemunhou o abismo*

Colofone: [dub1.kam *šá naq-ba i-mu-ru i*]š-di ma-a-ti  
[KUR <sup>m</sup>an.šár-dù-a šár<sub>4</sub> šú šár<sub>4</sub> an.šár<sup>hi</sup> *šá ana an.šár u*] <sup>(d)</sup>nin-lil tak-lu  
[nir.gál.zu nu téš šár dingir<sup>mes</sup>] an.šár

[Tábua 1. *Aquele que testemunhou o Abismo, as*] fundações da terra  
[Palácio de Aššurbanipal, rei do mundo, rei da Assíria, que] se confia a Aššur e Ninlil  
[Possa aquele que a ti se confia não cair no opróbrio], ó Aššur, [rei dos deuses]

Aquele que testemunhou o abismo, as fundações da terra,  
experiente de caminhos, em tudo era sábio!  
Gilgameš, que testemunhou o abismo, as fundações da terra,  
experiente de caminhos, em tudo era sábio!  
Aonde estavam os poderes, foi averiguá-los,<sup>1</sup>  
de cada coisa extraiu um ápice de sabedoria.  
O que era secreto encarou, o oculto trouxe à luz:  
resgatou a memória de antes do Dilúvio.  
Extenuado, mas em paz, fez o caminho que não tem fim  
e na pedra exarou os seus trabalhos.  
Ergueu a muralha de Uruk, a do redil,  
e a do sagrado Eanna, puro tesouro.<sup>2</sup>  
Sobe a esta muralha: é como lá entrançada;<sup>3</sup>  
adverte o parapeito, ninguém poderá imitá-lo;  
percorre a escadaria, que é de eras remotas,  
e aproxima-te do Eanna, casa de Ištar:  
rei ou homem algum poderão jamais imitá-la.  
Sobe à muralha de Uruk e vai em torno,  
considera a inscrição,<sup>4</sup> examina a alvenaria:  
não foram os tijolos cozidos nas labaredas do forno,  
as fundações, não as lançaram os Sete Sábios?  
[Um *sar*,<sup>5</sup>] cidade, [um *sar*,] palmeirais, [um *sar*,] poços de argila,  
meio *sar*, o templo de Ištar: [três *sar*] e meio, [eis] Uruk na sua extensão.

[Eis] o cofre de cedro que alberga as tábuas:  
faz deslizar o seu fecho de bronze!  
Ergue a tampa que as encerra,  
retira a tábua de lápis-lazúli e recita  
as provações, tudo por que passou Gilgameš.  
Supremo entre os reis, soberbo de estatura,<sup>6</sup>  
bravo nativo de Uruk, touro branco enristado!  
Marchando na dianteira, era ele o chefe,  
ou, seguindo na retaguarda, arrimo dos camaradas!  
Baluarte poderoso, protecção das suas tropas,  
violento caudal que desbarata a muralha de pedra.  
Touro selvagem de Lugalbanda, Gilgameš, fero esplendor,  
aleitado pela vaca venerada, Ninsunanna, a Vaca Bravia!  
Gilgameš, o possante, magnífico, sumptuoso,  
que nas montanhas abriu passagens  
e escavou poços nos flancos das colinas,  
que o oceano sulcou, o vasto mar, até à aurora,  
e as partes do mundo esgotou em busca da vida;  
que, porfiando, alcançou Uta-napišti, o Longínquo,  
o qual restaurou os altares derrubados pelo Dilúvio  
e instituiu os ritos conformes ao povo inúmero.<sup>7</sup>  
Quem de entre reis se lhe compara em esplendor  
e poderá dizer, como ele o fez: «Sou eu o rei?»<sup>8</sup>  
Gilgameš, cujo nome foi pronunciado no dia em que nasceu,<sup>9</sup>  
dois terços deus e um terço homem:  
Belet-ili esboçou a forma do seu corpo,  
Nudimmud trouxe essa forma à perfeição.  
Pujante de vigor e majestade radiosa,  
a onze cúbitos lhe orçava a formosa estatura,  
a quatro cúbitos o peito em largura,  
a seis, o arco dos amplos ombros.  
Dos dedos na mão, media o primeiro metade de um cúbito,  
três cúbitos o pé, e uma vara a perna;<sup>10</sup>  
seis cúbitos abarcava a sua passada,  
[.....] cúbitos a [.....] da cara.

Esplendiam os seus dentes como o sol ao despontar,  
 a barba luzia-lhe no rosto como o lápis-lazúli;<sup>11</sup>  
 rijos como [a cevada] eram os anéis do cabelo.  
 Ao fazer-se adulto, a sua harmonia consumou-se,  
 fez-se, pelos padrões da Terra, muito belo.  
 Em Uruk, a do redil, ele vai e vem,  
 dominante como um touro bravo, cabeça erguida;  
 quando as armas são brandidas, não tem rival,  
 o desafio do seu punho paralisa os companheiros.  
 Aos jovens de Uruk atormenta injustamente:  
 Gilgameš não deixa que o filho se reúna livremente ao pai.  
 Dia e noite se acrescenta a arrogância  
 de Gilgameš — [e comanda ele a gente apinhada,]  
 e é ele o pastor de Uruk amuralhada!  
 Não consente, porém, que a filha se reúna livremente à mãe:  
 é dela o cobridor, e ela dele a mansa rês.  
 A Ištar chegava a queixa incessante:<sup>12</sup>  
 «[Embora] proeminente, subtil, formidável [.....]  
 não permite Gilgameš que a jovem se una ao prometido.»  
 Da filha do guerreiro, da prometida do mancebo,  
 continuamente escutava a deusa o lamento.  
 Os deuses do céu, senhores da *iniciativa*,  
 [a Anu foram dizer .....]:  
 «Em Uruk, a do redil, criaste um touro feroz e bravio  
*que é sem igual* quando as armas são brandidas.  
 Ao som do tambor faz acorrer os companheiros,  
 continuamente atormenta os jovens de Uruk:  
 não permite Gilgameš que o filho se reúna livremente ao pai,  
 dia e noite se acrescentam os rigores da sua tirania.  
 Porém, do redil de Uruk é ele o pastor —  
 é Gilgameš quem comanda a gente numerosa.  
 Embora seja dela o pastor e *protector* [.....],  
 e único, formidável, subtil e *soberbo*,  
 interpõe-se Gilgameš entre a jovem e o seu prometido.»  
 À esposa do guerreiro, à noiva do mancebo,

## ÍNDICE

Protocolo .....	7
Introdução.....	11
O cuneiforme sumério.....	15
O acádio. O primeiro império semita.....	19
Ur III e a mitografia de Uruk .....	22
As versões AB e o período intermédio até à versão padrão.....	26
Recuperação e edição moderna do poema.....	31
A presente edição.....	35

### TÁBUAS I A XII

Tábua I .....	45
Tábua II .....	57
Tábua III .....	71
Tábua IV .....	79
Tábua V .....	87
Tábua VI.....	99
Tábua VII.....	107
Tábua VIII.....	115
Tábua IX.....	123
Tábua X .....	129
Tábua XI.....	143
<i>Bilgameš, Enkidu e o Mundo Inferior</i> e Tábua XII .....	157

Sigla.....	171
------------	-----

### APÊNDICE

O rei à Montanha do Vivente apontou o espírito.....	175
---	-----



Notas Suplementares .....	187
1. O local em que nasce Enkidu .....	187
2. Presságios do advento de Enkidu e outros sonhos .....	191
3. Sobre a questão sexual no épico .....	197
4. Composição da Tábua II .....	201
5. Sobre a ordenação das Tábuas IV e V .....	202
6. O Touro dos Céus e o casamento sagrado .....	206
7. Sobre as castas sacerdotais .....	213
8. A geografia do Mašu e a travessia de Gilgameš.....	217
9. Sobre a história literária da Tábua XI.....	222
10. O vórtice aquático, a planta mágica e a morada de Uta-napišti .....	224
11. Sobre a Tábua XII.....	227
12. Os objectos caídos no Mundo Inferior e o jogo nas ruas de Uruk .....	229
13. A terceira vida de Enkidu.....	233
Index .....	237
Referências Bibliográficas .....	245